

COM A PALAVRA, A FACA DE *TORTO ARADO*

WITH THE WORD, THE KNIFE OF *TORTO ARADO*

Marcel Franco da Silva¹

RESUMO: O presente artigo visa apresentar interpretações sobre um elemento fundamental para o desenvolvimento do romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, publicado pela Editora Leya em 2019. O objetivo deste texto consiste precisamente em olhar um objeto, ou melhor, a faca de cabo de marfim pertencente a Donana (avó das personagens Bibiana e Belonísia), que apresenta muitos significados que conduzem à percepção de hierofanias, em outras palavras, de manifestações do sagrado (ELIADE, 1999). Para a composição dessa pesquisa, acolheu-se o método hermenêutico (PALMER, 1969; STEIN, 1996), desejando apresentar não apenas contribuições para os Estudos Literários e para as Ciências da Religião, mas também para as pesquisas multidisciplinares desenvolvidas no âmbito acadêmico.

Palavras-Chave: Torto Arado; faca de Donana; Hermenêutica.

ABSTRACT: This article aims to present interpretations on a fundamental element for the development of the novel *Torto Arado*, by Itamar Vieira Junior, published by Editora Leya in 2019. The aim of this text is precisely to look at an object, or rather, an ivory-handled knife belonging to Donana (grandmother of the characters Bibiana and Belonísia), which has many meanings that lead to the perception of hierophanies, in other words, manifestations of the sacred (ELIADE, 1999). For the composition of this research, the hermeneutic method was adopted (PALMER, 1969; STEIN, 1996), aiming to show not only contributions to the Literary and Sciences of Religion Studies, but also to the multidisciplinary research developed in the academic sphere.

Keywords: Torto Arado; the knife of Donana; Hermeneutics.

1. PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Com linguagem fluida e simples, *Torto Arado* é um romance de Itamar Vieira Junior publicado em 2019 que narra a envolvente história de duas irmãs, Bibiana e

¹ Mestre, UEPA.

Belonísia, ambientado na fazenda Água Negra, na Chapada Diamantina (Bahia) — lugar em que vivem com sua família. A narrativa se inicia mostrando o período da infância das personagens, a partir do episódio em que ambas se machucam com a faca da sua avó Donana.



FIGURA 1² — Fotografia (MARROZZINI, 2010)

Bibiana e Belonísia são da família de humildes agricultores que trabalham para os donos da fazenda, juntamente com outras famílias que vivem reféns da terra e dos latifundiários que os cativam numa forma de escravismo moderno. Todos os empregados são notadamente descendentes dos povos trazidos do continente africano para servirem como escravos no Brasil no período colonial.

Em *Torto Arado* (2019) encontram-se elementos de uma rotina de trabalho massivamente exploratória na terra e ressaltam-se, muitas vezes, as práticas religiosas da fé que as pessoas dali professam: o Jarê (uma religião de matriz africana com

² Fotografia de Giovanni Marrozzini, da série *Nuovelle semence* (2010), realizada em Camarões. (O registro fotográfico inspirou a ilustração da capa de *Torto Arado* (2019), por Linoca Souza.) Disponível em: <https://culturadoria.com.br/torto-arado/2torto-arado/>. Acesso em: 10 dez. 2021.

elementos do catolicismo, do espiritismo Kardecista, do candomblecismo e de outras manifestações sincréticas).

Descrições paisagísticas do lugar, da fauna e da flora, dos costumes e das crenças são recorrentes em toda a trama da obra, que também levanta questões políticas que envolvem a narrativa, como racismo, condições subumanas, desigualdades sociais, reforma agrária etc.

O texto aborda as desigualdades de um país que se caracteriza por tais diferenças até os dias atuais. Outro quesito de suma importância é como está construída a narrativa, que apresenta muitas vozes entrelaçadas. Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira são as narradoras desse romance que se encontra dividido em três partes que se completam. Muitos são os heterodiscursos que relatam uma história de vida e morte, de luta e redenção.

O romance consegue atrair o leitor não apenas com o desenrolar da tragédia que as meninas sofreram com a faca da avó (quando Bibiana se torna a voz de Belonísia, que perdeu a língua), mas sim pelo fato da solidariedade, das situações de luta e da resiliência que se estabelecem durante a vida das personagens de *Torto Arado*. Porém, não devemos nos ater apenas à resenha apresentada, podemos interpretar também um elemento simbólico-religioso que está na obra: a faca da avó Donana. Este será o fio condutor deste texto e, a partir dele, ver-se-á como o fenômeno religioso se reatualiza e se ressignifica para além da leitura resumida da obra, das revisões bibliográficas e de recortes temáticos estabelecidos em estudos anteriores³.

³ Sobre estudos relevantes da presente obra, destaca-se o diálogo entre o local e o universal observados por Shirley de Souza Gomes Carreira (2021), as heranças da escravidão vistas por Joyce Fernandes (2021), a espacialização do romance segundo Anderson Luiz Rodrigues de Oliveira (2021), a realidade do Brasil rural conforme estudos de Vanessa Castro Rosa (2022), a luta política no ciclo da terra no olhar de Marcelo Cordeiro de Mello (2021), o protagonismo do negro, analisado por Dênis Moira de Quadros (2021), além de outros trabalhos recentes que se adensam sobre a temática social da obra de Itamar Vieira Junior (2019).

Do ponto de vista hermenêutico⁴, este artigo se desdobrará para interpretar um objeto de *Torto Arado* que permeia a vida das suas personagens principais: a faca de Donana. Nesse romance, o punhal é importante para a compreensão não só da própria trama narratológica, mas também do caráter místico-religioso, que é objetivo primordial deste estudo. Esse elemento é, sem dúvida, uma chave da narrativa, entendido “não como um continente de conteúdos, mas (...) um mundo que é a própria transcendência.”, como diria Ernildo Stein (1996, p. 61)⁵.

2. COMPREENSÕES SOBRE A FACA DE CABO DE MARFIM

A obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, inicia-se com o acidente de Bibiana e Belonísia envolvendo a faca de sua avó Donana, segundo a narrativa da própria Bibiana apresentada na primeira parte do livro, intitulada “O Fio de Corte” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 09-12). A faca de cabo de marfim não é apenas uma alegoria da obra, podendo ser lida como um objeto imbuído de poder sobrenatural, assim como o “*mysterium fascinans*, produz atração” (CROATTO, 2010, p. 70) e, assim como o *mysterium tremendum*, revela o “temor reverencial que obriga manter a distância” (IDEM), conforme o seguinte fragmento:

(...) E no meio das roupas mal dobradas e arrumadas havia um tecido sujo envolto no objeto que nos chamou a atenção, como se fosse a joia preciosa que nossa avó guardava com todo seu segredo. Fui eu quem desatou o nó, atenta à voz de Donana que ainda estava distante. Vi os olhos de Belonísia cintilarem com o brilho do que descobríamos como se fosse um presente novo, forjado de um metal recém-tirado

⁴ “Esclarecemos por meio de processos intelectuais, mas compreendemos pela cooperação de todas as forças sentimentais na apreensão, pelo mergulhar das forças sentimentais no objeto.” (PALMER, 1969).

⁵ “Este mundo, ao mesmo tempo, somos nós e projetamos sobretudo o que deve dar-se. Assim, vai se formar a chamada estrutura da circularidade, isto quer dizer, na medida em que já sempre estamos no mundo e, ao mesmo tempo, projetamos o mundo. Estamos envolvidos com os objetos do mundo e descrevemos o mundo no qual se dão os objetos.” (STEIN, 1996, p. 61).

da terra. Levantei a faca, que não era grande nem pequena diante dos nossos olhos, e minha irmã pediu para pegar. Não deixei, eu veria primeiro. (...). Foi quando coloquei o metal na boca, tamanha era a vontade de sentir seu gosto, e, quase ao mesmo tempo, a faca foi retirada de forma violenta. Meus olhos ficaram perplexos, vidrados nos olhos de Belonísia, que agora também levava o metal à boca. Junto com o sabor de metal que ficou em meu paladar se juntou o gosto do sangue quente, que escorria pelo canto de minha boca semiaberta, e passou a gotejar de meu queixo. O sangue se pôs a embotar de novo o tecido encardido e de nódoas escuras que recobria a faca. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 11)

A faca que a avó “guardava com todo seu segredo”, que despertou nas meninas “a vontade de sentir seu gosto”, a curiosidade, podia, com certeza, ferir qualquer pessoa que se atrevesse a passar a língua em sua lâmina. Mas o que é fascinante é o modo como as personagens foram atraídas pelo objeto que, sem dúvida alguma, tinha algo de misterioso, porém tremendo, e não deveria estar muito próximo do contato humano. A faca cobra um preço muito alto das meninas que a colocam como objeto de desejo, como que as castigasse pela aproximação. Ideias ligadas ao sagrado e ao profano podem ser relacionadas com a faca, assim como as ideias de punição, pecado, sacrifício, sacrilégio, iniciação, rito de passagem.

Além disso, é muito importante salientar a natureza totêmica desse objeto⁶. Para Sigmund Freud, o “totem pode ser herdado tanto pela linha feminina quanto pela masculina. É possível que originalmente o primeiro método de descendência predominasse em toda parte e só subsequentemente fosse substituído pelo último”

⁶ “Totem é uma palavra derivada de ‘odoodem’ que significa ‘marca da família’, na linguagem indígena Ojibwe dos índios da América do Norte. Os totens são vistos como talismã, objetos de veneração e de culto entre o grupo. Em algumas tribos, o totem pode ser simbolizado por um desenho do brasão do grupo, utilizado em diversos objetos como identidade da família à qual pertence. Um totem poderia ser um animal, planta, objeto ou fenômeno considerado sagrado por uma determinada sociedade. Consiste em um símbolo familiar com poderes sobrenaturais e com características protetoras. Os totens eram rodeados por uma aura de medo, superstição e magia. Entre os índios da América do Norte, o totem é geralmente um desenho meticulosamente trabalhado em madeira formando uma enorme escultura. Totens originais construídos no século XIX podem ser vistos em museus dos Estados Unidos e Canadá. Nos Estados Unidos, o totem é visto como um espírito protetor da pessoa em questão.” (Cf. SIGNIFICADOS. *Significado de Totem*. [S.I.] [2022?]. Disponível em: <https://www.significados.com.br/totem/>. Acesso em: 08 fev 2022.).

(FREUD, 1990, p. 08), o que nos possibilita considerar que a faca, totem de propriedade da avó Donana, deveria ser herdada pelas filhas de Zeca Chapéu Grande (linhagem feminina). E, sendo, pois, a faca um objeto totem, ele é possuidor de um núcleo, o tabu⁷, porque, segundo Freud,

Wundt diz desse conceito que ‘ele abrange todos os costumes nos quais é manifestado um temor de certos objetos relacionados com ideias de culto ou de ações ligadas a elas. E, em outro trecho: ‘Se compreendermos por ele [tabu], de acordo com o significado geral da palavra, toda proibição (seja fundamentada no uso ou no costume, seja em leis explicitamente formuladas) de tocar em um objeto ou dele fazer uso para finalidades próprias ou de empregar certas palavras proscritas (...)’ então, continua ele, não pode haver nenhuma raça ou nível de cultura que tenha escapado aos maus efeitos do tabu. (FREUD, 1990, p. 22).

Então, além de ser um totem ancestral, a faca que Bibiana e Belonísia tomaram nas mãos e levaram às suas bocas é tabu e devia “ser mantido em segredo” (FREUD, 1990) porque por meio dele e de sua ação na obra percebe-se “uma regra de que qualquer coisa que seja misteriosa ou provoque temor por qualquer motivo se torna sujeita a tabu.” (p. 21). E, como “qualquer violação dos tabus que protegem o totem é automaticamente punida por doença grave ou morte” (p. 78), a violação das personagens ao pegarem a faca da avó culminou na mudez de Belonísia, uma condição imutável: “Ouvi Donana perguntar o que estávamos fazendo ali, porque sua mala estava fora do lugar e que sangue era aquele. “Falem”, disse, nos ameaçando arrancar a língua, que estava, mal ela sabia, em uma das nossas mãos.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 12).

Em *Torto Arado* (2019), a faca de cabo de marfim, por vezes chamada de punhal, é citada dezenas de vezes, ou melhor, há referências de que não é só um mero objeto

⁷ “A fonte do tabu é atribuída a um poder mágico peculiar que é inerente a pessoas e espíritos e pode ser por eles transmitido por intermédio de objetos inanimados. ‘Pessoas ou coisas consideradas como tabu podem ser comparadas a objetos carregados de eletricidade; são a sede de um imenso poder transmissível por contato e que pode ser liberado com efeito destrutivo se os organismos que provocam sua descarga são fracos demais para resistir a ele; o resultado da violação de um tabu depende em parte da força da influência mágica inerente ao objeto ou pessoa tabu, em parte da força do *mana* antagônico do violador do tabu.” (FREUD, 1990, p. 20).

descritivo no enredo da narrativa, uma alegoria qualquer, mas, por certo, pode ser compreendido como totem, como tabu e dotado de *animatismo*:

O termo 'animatismo' também foi usado para indicar a teoria do caráter vivo daquelas coisas que nos parecem ser objetos inanimados (...). A palavra 'animismo', originalmente utilizada para descrever um sistema filosófico específico, parece ter recebido de Tylor o seu atual significado.

O que conduziu à introdução desses termos foi uma compreensão da visão da natureza e do universo altamente notável adotada pelos povos primitivos de que temos conhecimento, seja na história passada, seja na época atual. Eles povoam o mundo com inumeráveis seres espirituais, benevolentes e malignos; e consideram esses espíritos e demônios como as causas dos fenômenos naturais acreditando que não apenas os animais e os vegetais, mas todos os objetos inanimados do mundo são animados por eles. (FREUD, 1990, p. 59).

A faca na obra de Itamar Vieira Júnior é um elemento vivo, ou melhor, esse objeto tem alma, força e influencia toda a trama da história. No texto, a faca evoca as reminiscências de Bibiana com caráter benévolo: “Entendi por ‘mal’ a faca com cabo de marfim e, mesmo distante, senti seu brilho ofuscar minhas lembranças.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 21). O punhal comunica-se, emite sons, tem algo a dizer à personagem: “Do espelho cintilante da faca de cabo de marfim também não esquecia, afinal, nele havia vislumbrado nossos rostos para num átimo ver a lâmina inflexível fazer cair uma língua com os sons que poderiam ser produzidos por ela” (p. 28). Também se considere a faca como algo capaz de anuir duas criaturas de idades distintas, como um rito de passagem de dor para o amor incondicional de entes de mesmo sangue: “a faca de Donana havia fendido nossa história, decepado uma língua, impedido a produção de sons, ferindo a vaidade de uma Mãe D’água, mas unindo duas irmãs nascidas do mesmo ventre, em tempos diferentes, pela vida até aquele instante.” (p. 30). É como se o acidente com a faca irmanasse mais ainda Bibiana e Belonísia, não somente por solidariedade de uma ser a comunicação da outra, mas também como se estabelecesse com elas um pacto de sangue, sendo sempre uma pela outra em qualquer situação até o fim de suas vidas.

Em sonho, a faca ressurgiu para Belonísia, já adulta e casada com Tobias, e a mágica de recobrar o tempo passado na infância com irmã Bibiana acontece. Por mais distante que o objeto cortante esteja enterrado (distante dos olhos das irmãs), ela jamais pode ser esquecida porque denota um elo de sangue, ou melhor, a união de pensamentos entre duas irmãs, mesmo ambas vivendo em situações diversas (Bibiana casada com Severo e Belonísia com Tobias, as duas em espaços diferentes). A memória da faca juntou as duas para sempre, para que não se esquecessem uma da outra, na ventura e/ou nos reveses da vida:

Com as duas mãos tentei levantar até que o marfim saiu, com o metal polido, puro brilho, a faca de Donana, perdida, que voltava para minhas mãos. A faca que num impulso retirei da boca de Bibiana para repetir o gesto, naquela idade em que queremos ser como os irmãos mais velhos, sem perceber que da boca de minha irmã minava sangue. Sem perceber o perigo do fio de corte da lâmina que produzia um lume violento. O lume que deceparia minha língua. Me encerraria, sem palavras, envergonhada do que tinha feito a mim mesma, como o arame que me cercava naquele campo. Ao retirar o punhal de minha avó do chão seco percebi que sangrava, e um rio vermelho começou a correr pela terra. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 86).

Engana-se, porém, aquele que pensar que a faca jazia em lugar perdido, pois Belonísia reencontra a faca anos mais tarde: “ressurgiu, rutilante, entre as coisas que Belonísia levava em sua sacola de palha. Por um instante, Bibiana não acreditou se tratar da mesma peça (...)” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 224). Ela usava o objeto “para trabalhar, claro, para se proteger” (p. 225).

É na última parte do romance que vemos o reencontro das irmãs com a faca e com a história de que tal objeto fora roubado pela avó Donana. Além disso, confirmou-se o animismo de tal objeto quando Bibiana

[o]uviu da irmã apenas que, olhando para a faca tantos anos depois, ela parecia ter sido retirada naquele mesmo instante da mala velha de Donana. A mala que havia levado consigo e com a qual havia regressado, também. E alertou: “Cuidado com

Ana, não deixe à toa”, devolveu a faca a Belonísia, “ela é *curiosa* como nós éramos”. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 227, grifo nosso).

Nesse fragmento, o animismo parece nos conduzir ao caráter cíclico da vida da avó, das irmãs e da geração subsequente, sempre ameaçadas ou protegidas pela faca. Assim, vemos uma faca com atributos humanos, “curiosa”, que se destina, pois, a estar em íntima relação comunicativa com as personagens principais, Bibiana e Belonísia, “mesmo passados muitos anos, que guardava igual fascinação pelo brilho da lâmina.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 239). A faca, mais que um simples objeto cortante, conservava “a menina e a velha, a inocente e a culpada” (p. 239), traduzindo-se assim numa faca do espaço-tempo das histórias das personagens, uma faca ancestral e reveladora da vida, da luta e da resistência de mulheres quilombolas que nos dão uma verdadeira lição que “sobre a terra há de viver sempre o mais forte” (p. 255).

Por outra análise, não menos importante, a faca de cabo de marfim remete-nos ao Athame⁸ das bruxas, que era uma “faca ritual, enigmaticamente denominada *athame*, derivada de *ad hdhame*: sangrador. *Athame* é uma tentativa muito correta de obter o som representado por *adh-dhame*” (SHAH, 1987, p. 236).

Como a própria palavra quer dizer sangue, aparece-nos uma relação não só entre objeto e palavra, mas também, analogicamente com a história de *Torto Arado* (2019). O rito de sangue por meio do Athame está associado à ideia de bênção. Para unirem-se com o sagrado, simbolizado nessa espécie de “Athame” da avó Donana, Bibiana e Belonísia tiveram de levar a faca à boca para sangrarem.

⁸ “O athame ou punhal é uma faca ritualística de cabo preto e lâmina de fio duplo (corta dos dois lados), tradicionalmente gravada ou cunhada com símbolos mágicos ou astrológicos. Representa o elemento ar e simboliza a força da vida. É usada para traçar círculos, exorcizar o mal e as forças negativas, controlar e banir espíritos elementais, guardar e direcionar a energia durante os rituais mágicos.” (Cf. BOSTULIUM, 2007, p. 37).



FIGURA 2⁹ — Athame celta medieval importado. (Foto: Reprodução).

Nota-se que em *Torto Arado* (2019) não temos uma faca simples, todas as descrições apontam para a sua dimensão de objeto sagrado. Era uma faca “rica e bem detalhada” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 230), como afirma a personagem Santa Rita Pescadeira. Logo imagina-se que se seja algo parecido a uma adaga, mas não uma adaga qualquer, um objeto que emana forças sobrenaturais e é capaz de interferir na vida das personagens.

É certo considerar que a faca em *Torto Arado* (2019) tem relação simbólica com a adaga que a orixá iorubana Iansã usa nos rituais de candomblé e em entre seus objetos de culto (assentamento). Deve-se ter em recorte esse aspecto, não só porque tal elemento se conecta com o contexto afro-sincrético do Jarê, em que se inserem os habitantes da região, mas também pelo fato de que tanto a faca de Donana quanto a adaga de Iansã¹⁰ (o alfanje: a espada curva feita de cobre) representam o direito de defesa ante qualquer situação adversa da vida. Ambos os instrumentos têm esse caráter

⁹ Cf. RECANTO WICCA. Artigos Esotéricos. Instrumentos Mágico. Adaga, athame e bolline. *Athame celta medieval importado*. [S.I.] [2022?]. Disponível em: <https://www.recantowicca.com.br/produto/athame-celta-medieval-importado.html>. Acesso em: 08 fev. 2022.

¹⁰ Há nítidas menções sobre as roupas de Santa Bárbara e Iansã, além de paramentos como a espada de Iansã, que aparecem na obra *Torto Arado* (2019), uma vez que essas entidades são cultuadas pelo pai das meninas, Zeca (Cf. VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 58-59).

de apontar a garra, a independência e a força da mulher, sobretudo da mulher negra. Encontramos no romance o culto ímpar a uma figura afamada entre os católicos: Santa Bárbara, conforme ilustra o seguinte fragmento:

Dali, do quarto quente dos santos que rescendia a suor e alfazema, Zeca, que agora abrigava Santa Bárbara, vestia a saia vermelha e branca, engomada com todo zelo por dona Tonha, e com o rosto encoberto sob o adé lustroso, ornado de contas vermelhas que recobriam a face. Saiu empunhando a espada de madeira feita por ele mesmo. A espada, pequena, cortava o ar com seus movimentos ágeis. «Ê, Santa Bárbara, virgem dos cabelos louros, ela vem descendo com sua espada de ouro», a audiência batia palmas e cantava em coro, seguindo o tocador de atabaque. Enquanto os homens aceleravam o toque, Santa Bárbara se agitava em seus passos e giros. Duas mulheres arriaram no chão, com os olhos semicerrados e movimentos que anunciavam a chegada de mais Santas Bárbaras. Foram conduzidas para o quarto por minha mãe e dona Tonha para que pudessem colocar suas vestes também. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 60).

Na iconografia católica, vê-se Santa Bárbara apoiada em uma espada longa, porque segundo a crença popular, essa venerável cristã da Nicomédia (nascida no ano 273 d.C. e martirizada em 306 d.C.) atua na proteção contra raios, trovões, tempestades e mau tempo. A hagiografia mostra que Bárbara foi encarcerada numa torre, torturada em praça pública e decapitada pelo seu próprio pai porque se recusa a professar a tradição religiosa da Roma Antiga¹¹. O nome dessa santa é atribuído a vários municípios brasileiros e ela é bastante reverenciada nas Igrejas Católica, Ortodoxa, Anglicana e nas religiões de matriz africana do Brasil. A sua festa é comemorada em todo o país dia 4 de dezembro, ocupando os mesmos patamares de santos como São Jorge, São Sebastião e Nossa Senhora da Conceição Aparecida em termos de devoção e culto dos povos do Brasil.

Numa clara relação hermenêutica entre Bibiana, Belonísia, Iansã, Santa Bárbara e a entidade do Jarê chamada Santa Rita Pescadeira, todas essas presentes na obra de

¹¹ Cf. As notas explicativas de Rosemary Guiley (2001, p. 109-419), em *A Enciclopédia dos Santos*, publicado em língua inglesa.

Itamar Viera Junior, encontramos a força, a luta e a resistência da mulher graças à ação do sobrenatural representado na faca de Donana. Esse elemento fantástico-maravilhoso, que, assim como o Athame místico, exerce poder sobrenatural em *Torto Arado*, quem sabe tenha sido o instrumento que levou a cabo a vida de Salomão (a personagem que sucedeu os donos das terras, a família Peixoto), conforme podemos deduzir no seguinte recorte da narrativa:

Salomão havia aparecido quase degolado, caído numa vereda no meio da mata, mas não muito distante da margem do rio Santo Antônio. Cavalo que montava foi visto perto da casa de vidro, pastando as plantas que cresciam na beira dos marimbus. Disseram que, quando a mulher saiu e encontrou o cavalo perto de casa, achou estranho. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 244).

3. À GUIZA DE CONCLUSÃO

Se a faca de marfim de Donana no romance foi comparada à espada que apresenta a imagem de Santa Bárbara, também é possível ver analogias com outras espadas consideradas como as mais poderosas da história, como a famosa Excalibur que, segundo a lenda, “estava embutida numa rocha e só podia ser retirada pelo rei de Inglaterra, o lendário rei Artur. A sua bainha poderia impedir o seu dono de sangrar até à morte após ser ferido em batalha” (CANAL HISTÓRIA, 2020). Segundo, Juan Eduardo Cirlot (1979)¹², o sentido dessa espada relaciona-se com a morte e a vida, tendo, portanto, um significado que associa o nível celestial e o terreno, através de sacrifícios, muito similar ao sacrifício ocorrido durante o acidente das irmãs Bibiana e Belonísia nas páginas iniciais de *Torto Arado* (2019). Outras espadas têm esse caráter divino, como a espada de Gram forjada por Völundr, a de Átila, a Joyeuse de Carlos Magno, a

¹² “Por ello se comprende que, durante la Edad Media, se considerara símbolo preferente del espíritu o de la palabra de Dios, recibiendo un nombre como si se tratara de un ser vivo; Excalibur, del rey Arturo”. (CIRLOT, 1979).

espada de Joana D'Arc e a Zulfiqar de Hazrat Ali¹³, todas estas, por suas respectivas vezes, têm histórias místicas e misteriosas, que nos levam a uma comparação, quanto a suas sacralidades, à faca que decepou a língua de Bibiana.

Essas últimas análises permitem ver o que está para além da história escrita por Itamar Vieira Junior; possibilitam-nos a reatualização do simbolismo religioso, porque são, por certo, hierofânicas, uma vez que denotam o aparecimento ou manifestação reveladora do sagrado, conforme nos explica Mircea Eliade:

Sendo o homem um *homo symbolicus* e estando o simbolismo implícito em todas as suas atividades, todos os fatos religiosos têm, necessariamente, um caráter simbólico. Nada é mais certo se pensarmos que qualquer ato religioso e qualquer objeto cultural visam a uma realidade metaempírica. A árvore que se torna objeto de culto não é venerada enquanto *árvore*, mas enquanto hierofania, enquanto manifestação do sagrado. E qualquer ato religioso, pelo simples fato de ser religioso, está carregado de uma significação que, em última instância, é simbólica, já que se refere a valores ou figuras sobrenaturais. (ELIADE, 1999, p. 217, grifos no original).

¹³ “Segundo a mitologia escandinava, a espada de Gram foi forjada por Völundr, o ferreiro mágico. Diz-se que Sigurd a tirou da árvore, onde Odin a tinha enterrado. Por esta razão Sigurd conseguiu derrotar um dragão, e embora a espada se tenha partido durante a batalha, ela foi forjada e afiada novamente. A espada de Átila foi recebida como símbolo divino e, depois do êxito no campo de batalha, não seria de estranhar que tivesse sido enviada pelos mesmos deuses. Diz-se que ela está no Museu de História de Arte em Viena, mas não pode ser a verdadeira espada de Átila, pois foi forjada 500 anos após a morte do famoso senhor da guerra dos Hunos. Joyeuse foi a famosa espada que Carlos Magno usou para unir a maior parte da Europa Ocidental. Foi dito que o seu cabo foi feito a partir dos restos da lança sagrada. Circularam rumores semelhantes sobre Durandal, a espada de Roland, sobrinho de Carlos Magno. Dizia-se que continha um dente de São Pedro, roupa da Virgem Maria e sangue de São Basílio. A lenda conta que Roland atirou a espada contra um penhasco e ela permaneceu presa. A história da Joana d'Arc é uma das mais lendárias. A lenda conta que São Miguel apareceu à heroína francesa e encorajou-a a encontrar a espada sagrada escondida no altar da Igreja de Santa Catarina de Firbois. Joana lutou com ela no campo de batalha durante a Guerra dos 100 Anos, mas nem a espada nem as suas vitórias a impediram de ser queimada na fogueira. (...). Zulfiqar pertencia a Hazrat Ali, primo e genro de Muhammad. De facto, diz-se que o Profeta deu Zulfiqar a Ali na Batalha de Uhud, sendo por isto um símbolo do Islão. É uma espada de lâmina curva com extrema força e velocidade. Esta espada conta a história de Dâmocles, que continuamente lisonjeava o monarca. Um dia, o Rei, cansado de falsos elogios, ofereceu-lhe o seu lugar por um dia. Dâmocles aceitou e o Rei pendurou no trono uma enorme espada segurada apenas por um único pelo da cauda de um cavalo. Dâmocles implorou para deixar o trono e assim a expressão espada de Dâmocles ficou até aos dias de hoje.” (CANAL HISTÓRIA, 2020).

A dimensão religiosa que ora se estabeleceu sobre a faca no romance *Torto Arado* (1999) é um caminho para que outras visões se debrucem sobre esse tecido literário. Não há pontos finais quando a tarefa de pesquisa é literária.

O punhal de Donana está lá como está aqui neste artigo e em outros lugares, querendo, a todo momento, ser desenterrado para comunicar algo novo que talvez não tenhamos percebido. Assim, não ousemos dizer que as interpretações apresentadas sobre um único elemento do texto literário analisado encerram as muitas vozes e entendimentos que podem surgir¹⁴.

Dessa maneira, percebemos que essa é a natureza da literatura, dos seus personagens, dos seus elementos e da sua estrutura: a de residir na inconclusibilidade para que possam sempre surgir novas informações aos leitores, sugerindo, inclusive, uma outra possibilidade de lermos o próprio mundo em que vivemos.

Cada vez que relemos uma obra literária, aparecem outras possibilidades de interpretar simbolismos que nela podem estar explícitos e/ou subentendidos. Muitos são os caminhos que nos conduzem ao bosque literário, mas aqui se focalizou apenas sobre a história da faca em *Torto Arado* (2019). O romance não se reduz apenas nisso, há uma gama de mitos e hermenêuticas que se podem abstrair sobre os outros elementos da narrativa de Itamar Vieira Júnior.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 4^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

¹⁴ É possível afirmar que a consciência das personagens de um tecido literário têm “consciências equipolentes dos outros, tão infinitas e inconclusas quanto ela mesma. Ela reflete e recria não um mundo de objetos mas precisamente essas consciências dos outros com os seus mundos, recriando-as na sua autêntica inconclusibilidade (pois a essência delas reside nessa inconclusibilidade)”. (BAKHTIN, 2008, p. 77).

BOSTULIM, Regina Célia. *Wicca*. 103 f. Dissertação (mestrado profissionalizante em teologia) — Escola Superior de Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. São Leopoldo: EST/IEPG, 2007.

CANAL HISTÓRIA. *As espadas mais poderosas da história*. 27 de agosto de 2020. Disponível em: <https://canalhistoria.pt/blogue/as-espadas-mais-poderosas-da-historia/>. Acesso em 11 fev. 2022.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. *Inscrições do Real em Torto Arado, de Itamar Vieira Junior*. Revista do Curso de Letras da UNIABEU, Nilópolis, v. 12, nº 1, janeiro-junho, 2021. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/viewFile/4241/pdf>. Acesso em: 13 jan. 2022.

CIRLOT, Juan Eduardo. *Diccionario de símbolos*. Barcelona: Labor, 1979.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

ELIADE, Mircea. *Origens: história e sentido na religião*. Lisboa: Edições 70, 1999.

FERNANDES, Joyce. *O Legado Traumático da Escravidão em Torto Arado*. Entrelaces — Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras-UFC, v. 11 nº 23: Temática Livre | Dossiê Literatura e Cidade, 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/60511>. Acesso em 23 jan 2022

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu e Outros Trabalhos (1913-1914)*. Trad. Paulo César de Souza. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Volume XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

GUILEY, Rosemary. *The Encyclopedia of Saints. Fourteen Holy Helpers* (em inglês). [S.l.]: Infobase Publishing, 2001.

MELLO, Marcelo Cordeiro de. *Diálogo interliterário e escrita metaliterária em Torto Arado: luta política no ciclo da terra*. Scripta Uniandrade, v. 19, nº 1, p. 63-75. Curitiba: 2021.

MARROZZINI, Giovanni. *Fotografia. Série Nouvelle semence*. Camarões: 2010. Disponível em: <https://culturadoria.com.br/torto-arado/2torto-arado/>. Acesso em: 10 dez. 2021.

OLIVEIRA, Anderson Luiz Rodrigues de. *Torto Arado e suas geografias*. Revista Entre-Lugar, [S. l.], v. 12, nº 23, p. 495-498, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/view/13933>. Acesso em: 9 fev. 2022.

PALMER, Richard. *Hermeneutics: Interpretation Theory in Schleiermacher, Dilthey, Heidegger, and Gadamer*. Evanston: NUP, 1969.

QUADROS, Dênis Moura de. *A construção das protagonistas afro-brasileiras em Torto Arado (2019)*, de Itamar Vieira Junior. Linguagens — Revista de Letras, Artes e Comunicação, [S.l.], v. 15, nº 2, p. 004-018, dez. 2021. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/10001>. Acesso em: 09 dez. 2021.

RECANTO WICCA. Artigos Esotéricos. Instrumentos Mágico. Adaga, athame e bolline. *Athame celta medieval importado*. [S.I.] [2022?]. Disponível em: <https://www.recantowicca.com.br/produto/athame-celta-medieval-importado.html>. Acesso em: 08 fev. 2022.

ROSA, Vanessa de Castro. *Revisitando a obra Torto Arado*. Boca [Internet]. 11 de janeiro de 2022 [citado 9º de fevereiro de 2022]; v. 9, nº 25: p. 88-91. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/543>. Acesso em: 11 fev. 2022.

SHAH, Idries. *Os sufis*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

SIGNIFICADOS. *Significado de Totem*. [S.I.] [2022?]. Disponível em: <https://www.significados.com.br/totem/>. Acesso em: 08 fev 2022.

STEIN, Ernildo. *Aproximações sobre hermenêutica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

Recebido em: 12/02/2022

Aceito em: 22/03/2022